

Governo dá tempo para refazer liderança

A.C. SCARTEZINI

Com a discussão em torno de uma fusão de partidos para apoiá-lo no Congresso, o Governo ganha tempo para recompor suas lideranças na Câmara e no Senado pelo resto do ano, a partir de uma evidência: os atuais líderes, deputado Renan Calheiros (PRN) e senador José Ignácio (PST), não continuarão na liderança com o mesmo interesse depois de encerrada a participação nas eleições pelo governo de Alagoas e do Espírito Santo.

A crise é maior com Renan Calheiros, que transmitiu a amigos em Brasília a impressão de que não se sente mais em condições de sustentar a defesa do Governo no Congresso depois de denunciar fraudes na apuração de votos na eleição de alagoas que beneficiariam seu concorrente, deputado Geraldo Bulhões (PSC), que teria o respaldo da administração federal para a sua candidatura.

Como lembrou a amigos, Renan Calheiros, numa dúvida existencial, não sabe se, depois das

denúncias que fez em Alagoas, ainda teria a amizade e o interesse do Presidente em tê-lo na liderança. Considerou sintomática a presença das fraudes em municípios como Canapi, Inhapi e Mata Grande, politicamente controlados pela família da mulher do Presidente, Rosane Collor.

Com suas dúvidas, sugere que seria melhor afastar-se da liderança desde logo, mesmo porque, eleito ou não, perde em janeiro o mandato de deputado. Assim, com a sua retirada mais cedo, apenas abriria espaço para o Governo antecipar o exame em torno do nome do líder que de uma maneira ou outra surgiria até o começo do ano.

Quanto ao senador José Ignácio, ele tem uma queixa semelhante. Considera que trava uma "luta de vida e morte" pela sua eleição ao governo do Espírito Santo, contra Albuíno Azeredo (PDT), sem que possa incluir nela o aval de Brasília. Esperava que algo de concreto fosse feito a

seu favor depois que passou a despencar na condição de favorito mas pesquisas ainda no primeiro turno.

O caso de José Ignácio guarda outra semelhança com o de Renan: perdendo ou vencendo a eleição a governador, fica sem o mandato de senador a partir de janeiro. Também a sua substituição seria inevitável e, na sua opinião, deveria estar em cogitação desde que, ainda no primeiro semestre junto com Renan, pediu para sair da liderança de modo a liberar-se completamente para a campanha a governador.

No entanto, o Governo ainda não tem nome para substituir os líderes atuais. Enquanto isso, o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, que poderia ser o líder no Senado se não fosse para o ministério, prepara-se para enfrentar as votações do Congresso na próxima semana, quando haverá um esforço concentrado, tendo como sustentação parlamentar as lideranças do PFL, PDS, PTB e PDC.